

O SUJEITO DISCURSIVO EM *LE GRAND ROUTIER DE MER*

Rita Maria Ribeiro Bessa*

RESUMO — *Os roteiros da Carreira da Índia e da Carreira do Brasil, traduzidos pelo holandês J. H. van Linschoten para a língua francesa, integram a coletânea Le grand routier de mer (1610). A partir da relevância atribuída ao eu (Je), que nos roteiros se refere ao piloto português e ao tradutor, adotam-se pressupostos teóricos da escola francesa de análise do discurso acerca da noção de sujeito, sobretudo, a partir das ideias de S. Possenti. De acordo com os fatos linguístico-discursivos apresentados, verifica-se que o sujeito de Le grand routier de mer é o sujeito-tradutor que assume diversas faces, a saber, sujeito-de-direito-espião-autor.*

PALAVRAS-CHAVE: *Roteiros de navegação do século XVI. Discurso. Sujeito.*

1 INTRODUÇÃO

O *Le grand routier de mer*¹ é uma coletânea de roteiros de ida e de volta da *Carreira da Índia* e da *Carreira do Brasil*, escritos por pilotos portugueses e espanhóis, traduzidos e publicados pelo holandês J. H. van Linschoten, para língua francesa, em 1610. Essa obra constitui uma fonte rica em situações, tais como: indicações de rotas, descrição de lugares e advertências relatadas em 161 páginas na tradução francesa². A coletânea foi fundamental, tanto para as expedições marítimas empreendidas pela Companhia das Índias Orientais,

*Profa. Adjunta (DLA/UEFS e Dep. de Letras Românicas/UFBA). Doutora em Linguística Histórica pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: rita_bessa@uol.com.br

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Letras e Artes. Tel./Fax (75) 3224-8265 - Av. Transnordestina, S/N - Novo Horizonte - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900. E-mail: dla@uefs.br

quanto para exploradores ingleses e franceses no século XVI.

Por se tratar de um texto traduzido, foi verificada, antes das possíveis investigações e delimitação do objeto de pesquisa, a fidedignidade dele. C. M. Telles³ realizou alguns estudos sobre os textos de *Le grand routier de mer*, atestando a fidedignidade da tradução de J. H. van Linschoten. Também foi feita uma comparação da estrutura do discurso dos roteiros em português e espanhol.

Desde os primeiros contatos com os roteiros em língua francesa, um fato linguístico chamou a atenção, a saber: a marca pessoal *eu* (*Je*). Observou-se que o *eu* dos roteiros representava o piloto-autor e, muitas vezes, o tradutor, que, exaustivamente, explicava sobre os sinais encontrados nas rotas e, também, sobre aqueles referentes às terras. Ele compartilhava com os seus alocutores conhecimentos muito específicos sobre a fauna descrita nos roteiros, associando-os com a fauna encontrada na sua terra natal.

Num primeiro momento, esses dados poderiam apenas atestar a presença de dois *eus*, cada qual representando a origem de determinado dizer, porém, em certos momentos, essa separação se tornou impossível, o que conduziu aos seguintes questionamentos: a marca *eu* se refere em maior número ao piloto ou ao tradutor? Caso a maior ocorrência se refira ao tradutor, que papel teria o eu-piloto no seu discurso? Considerando que o sujeito-tradutor possa assumir o discurso, seria possível, além do outro referente ao piloto, conceber a presença de outros discursos?

Diante de questões tão inquietantes, percebeu-se que, dentro deste estudo sincrônico, as investigações não se limitariam ao tratamento da língua como um fato estanque. A compreensão da marca *eu* (*Je*) não se esgotaria nas premissas da gramática tradicional da língua francesa. Pelo contrário, a língua nos roteiros franceses é considerada como algo vivo, que se transforma, incessantemente, pelas atividades de sujeitos históricos, sociais e circunstanciais, possibilitando que o sentido possa sempre ser outro.

A perspectiva aponta para uma base teórica que conceba a marca *eu* (*je*) não apenas como um fato linguístico, mas,

também, discursivo. Nesta vertente, os dados que serão levantados parecem permitir ir além de análises limitadoras à compreensão do *eu discursivo*, uma compreensão apoiada, exclusivamente, na coordenada enunciativa *eu-aqui-agora*, na qual o *eu* manteria a sua unicidade. Acredita-se que, respeitando e usufruindo de tais noções até onde forem cabíveis em estudos sobre o discurso, a leitura da marca do sujeito *eu* (*Je*) em *Le grand routier de mer* vai encontrar na escola francesa de análise do discurso a luz que irá clarear a problemática do sujeito em sua coexistência com o *outro*.

No decorrer deste artigo, serão apresentadas informações concernentes ao *Le Grand routier de mer* que permitirão um melhor entendimento ao leitor sobre a importância da coletânea. Serão apontados os títulos dos cinco roteiros traduzidos do piloto Diogo Afonso, dos quais foram retiradas amostras elucidativas do sujeito, por serem considerados como o protótipo para os roteiros sucessivos da *Carreira da Índia e porque*, em estudos anteriores, verificou-se o maior número das ocorrências da marca *eu* (*Je*)⁴. Em seguida, serão apresentados pressupostos teóricos da escola francesa de análise do discurso, concernentes à noção de sujeito, permeados por acontecimentos inerentes ao processo de produção do discurso dos roteiros franceses que ratificam a posição teórica aqui adotada. Além disso, apresentaremos também amostras de marcas linguísticas que referendam a posição ativa do sujeito em *Le grand routier de mer*. Finalmente, proporemos nas considerações finais algumas contribuições para reflexões sobre uma noção tão complexa como a do sujeito do discurso.

2 O LE GRAND ROUTIER DE MER

O *Le grand routier de mer* é uma coletânea de roteiros portugueses e espanhóis compilados e traduzidos por J. H. van Linschoten das línguas portuguesa e espanhola para o flamengo em 1596, e para a língua francesa em 1610. Esses roteiros foram, também, traduzidos, anteriormente, para o inglês (1598), para o alemão (1598-1600) e para o latim (1599). Segundo A. Pos e R. M. Loureiro⁵, várias partes da obra foram reeditadas

em coleções populares de relatos de viagens e de descobrimentos da época.

É natural que, por se tratar de uma obra traduzida, tenha-se em mente, a princípio, que o seu tradutor ocupa uma posição de certa subordinação ao texto original. Acrescente-se o que dizem estudiosos dos roteiros de navegação do século XVI. Segundo J. Barassin⁶, foi através da tradução dos roteiros portugueses para o holandês (1596), em seguida para a língua inglesa e para a língua francesa, que os navegadores foram, ao menos em parte, iniciados no mundo náutico português em direção às Índias. Quanto aos franceses, diz ele: “Les Français à leur tour, forts de l'expérience des dieppois et malouins, éclairés par les ouvrages hollandais, partiront eux aussi sur la route des Indes”⁷. Ele diz, ainda, que nos textos são apresentadas as rotas a serem seguidas na navegação para as Índias Orientais, fielmente, extraídas das memórias de J. H. van Linschoten, assim como das observações de pilotos experientes. J. Barassin chama atenção para a “probidade de Linschoten que cita com fidelidade as fontes portuguesas.”⁸

Registre-se, também, que D. Lopes⁹, a respeito de J. H. van Linschoten, afirma ter ele viajado em navios portugueses, se expressado em língua portuguesa, visto e ouvido por toda parte portuguesas. Trata-se de uma viagem maravilhosa num mundo português, de que se fez o pregoeiro admirador, descrevendo-a sem artifício de linguagem, com a simples documentação do que viu e viveu. É, segundo ele, a maior homenagem à expansão lusitana, para quem queira ou saiba meditar, pois nomes geográficos ou de pessoas na forma portuguesa, nomes de flora e de fauna, também portugueses, abundam no seu livro.

J. H. van Linschoten não apenas traduziu como acrescentou muitos detalhes das rotas e sinais caracterizadores de cada local de passagem em direção às terras descobertas e exploradas, fazendo inúmeros aconselhamentos e advertências sobre esses aspectos. Para tanto, A. Pos e R. M. Loureiro¹⁰ dizem que ele contou com os roteiros originais ou cópias que chegaram às suas mãos e, principalmente, a partir das suas observações e experiências de viagem ao lado de mareantes em naus

lusitanas, da convivência com portugueses e espanhóis nas Índias Orientais, bem como das suas leituras e anotações em um diário de viagens ao Oriente. Eles acrescentam, ainda, que a publicação em flamengo da coleção de roteiros se deu um pouco antes da primeira expedição holandesa ao Oriente, tendo sido fundamental para os exploradores holandeses, afinal, esses buscavam estabelecer as suas próprias rotas para o Oriente, tornando-se independentes da Coroa Espanhola que, desde 1580, dominava, também, Portugal.

Dos roteiros traduzidos e publicados no *Le grand routier de mer* (1610), os seguintes roteiros de Diogo Afonso que se distribuem em cinco capítulos, três relativos à viagem de ida de Portugal para as Índias (II, III, IV), e dois, à de volta das Índias para Portugal (VIII e IX), serão empregados nas análises:

II - Cours du Voyage des Indes, appointé par Diego Alfonso, Portugais Pilote du Roy;

III - Navigation du Cap das Correntes vers les Seches appellees Baixos de Judia, & dela a Moçambique;

IV - Navigation de Moçambique aux Indes;

VIII - Cours de la Navigation des Indes au Cap de Bonne Esperance, signé par un autre Pilote Portugis [sic];

IX - Navigation de Monte Delin montagne celebre en la coste de malabar, en Portugal.

Não resta dúvida de que a obra *Le grand routier de mer* foi fundamental para as expedições marítimas organizadas pelos Países Baixos, pela França e pela Inglaterra. J. H. van Linschoten soube aproveitar do momento histórico em que vivia para publicar os seus textos, como também para se lançar enquanto grande conhecedor das rotas para a Índia e para as Américas, assim como detentor de informações secretas do mundo lusitano e espanhol. O seu prestígio nasceu nessas bases, contudo, a abrangência de sua obra não seria tão rápida se ele não tivesse competência e sensibilidade suficientes para mergulhar no estilo próprio dos roteiros de nave-

gação, respeitando a linguagem técnica da marinharia e a simplicidade necessária do dizer para o entendimento de homens muito simples, tais como os mareantes.

3 O SUJEITO EM *LE GRAND ROUTIER DE MER*

As análises do sujeito no discurso de *Le grand routier de mer* — especificamente o *eu* (*Je*) discursivo — começam com o levantamento do número de ocorrências dessa marca referente ao sujeito-tradutor ou ao sujeito-piloto. Verifica-se, ao se comparar os roteiros franceses e os originais portugueses analisados por C. Telles¹¹ (1988), que a frequência das ocorrências do *eu* (*Je*), designando J. H. van Linschoten, nos roteiros, 71% é maior do que aquela encontrada como referente ao piloto-autor nos roteiros originais, que somam 29%¹². Além da intervenção de J. H. van Linschoten pela marca pessoal *eu* (*Je*) e daquelas indicadoras de posse, ele mostra a sua voz através de estratégias discursivas e enunciados comparativos, que aparecem quando se retomam informações muito específicas dos roteiros portugueses. A partir desta constatação, J. H. van Linschoten passa, nestas análises, a ocupar o lugar de sujeito do discurso francês, aquele que doravante passa a ser chamado de autor no sentido discursivo do termo¹³. Surge, então, a questão sobre o papel que o eu-piloto tem no discurso de *Le grand routier de mer*.

Considera-se que o *eu* (*Je*), referente ao piloto, ocupa no discurso de *Le grand routier de mer* a posição do *outro*, trazida pelo sujeito-autor, para mostrar a sua fidelidade ao texto original português. Denota, também, a outra face inerente a todo sujeito discursivo, a saber: aquela que reflete o discurso do *outro*, que o constitui e sobre o qual ele reformula, num processo de acordo ou desacordo com o já dito.

A coexistência dessas duas vozes no discurso dos roteiros desencadeia reflexões carentes de bases teóricas que possibilitem, na leitura dos roteiros franceses, a coexistência da voz do sujeito-locutor com o *outro*, como, também, a divisão do espaço discursivo com outras vozes que permeiam de forma velada o discurso. Para elucidar essas questões, são adotados

pressupostos na linha de estudos da escola francesa de análise do discurso, as quais apresentam o conceito de sujeito entendido em sua pluralidade constitutiva, bem como em suas diversas faces assumidas no processo de produção de seu discurso.

De acordo com M. Pêcheux¹⁴, o indivíduo é interpelado em *forma-sujeito* do discurso através da identificação com a formação discursiva que a domina. Dessa forma, o sujeito não é jamais a origem do dizer, pois cada sujeito existe desde sempre. Segundo ele¹⁵, na evidência de um *eu* que diz “eu sou realmente eu”, com a identidade, nome de família, lembranças, ideias e intenções, há, em verdade, um processo da interpe-lação-identificação produtor do sujeito num lugar deixado vazio. Nele, o sujeito pode aparecer sob diversas formas impostas pelas relações sociais jurídico-ideológicas.

M. Pêcheux¹⁶ lembra que existe um sujeito da enunciação capaz de tomar uma posição que lhe dá a certeza de ser livre e responsável pelo que é dito, quando, na realidade, o que ocorre é um assujeitamento ao discurso do *outro* ou de *outros*. O sujeito da enunciação sofre de maneira cega os efeitos da determinação, realizando os seus efeitos em “liberdade”.

Em *Le grand routier de mer* há o encadeamento de acontecimentos pré-construídos, pertencentes ao mundo das navegações portuguesas, que chegaram às mãos do *sujeito-autor* com um forte apelo de identificação, visto que ele foi um viajante da nau portuguesa São Salvador, em viagem às Índias Orientais, vivendo no mundo indo-europeu ao longo de anos. A presença do outro *eu* levantado nos roteiros vai representar o pré-construído, a voz do *outro*, o piloto português.

Se por um lado, chega-se a esta possível interpretação, por outro, a questão que fica até agora sem resposta é aquela relacionada às situações nas quais a aparição da marca *eu* (*Je*), referente ao *sujeito-autor*, nos roteiros, exprime comentários oriundos de toda uma experiência vivida por ele enquanto *sujeito-viajante* e, posteriormente, *sujeito de confiança* do Arcebispo de Goa, D. Vicente da Fonseca, nas Índias. Esse sujeito tinha fácil acesso aos mais diversos tipos de informações confidenciais. Tais fatos levam a questionar: esse sujeito

mantém o estatuto de assujeitamento verificado em M. Pêcheux? Qual outra interpretação permitiria, no universo de vozes que permeia os discursos em análise, encontrar o espaço para a voz do *sujeito-autor* e para os comentários originários de sua experiência?

Buscou-se, então, uma teoria capaz de avançar em direção a uma proposta que permitisse uma nova leitura do *sujeito* no discurso, sem negar os pressupostos da linha de Pêcheux. Adotou-se a perspectiva de S. Possenti¹⁷ como fio condutor das análises. A sua maior contribuição para a análise do sujeito no discurso dos roteiros é aquela em que ele põe em reflexão a ideia do *eu-sujeito* poder ser colocado ao lado do *outro* ou dos *outros*, como uma das possíveis vozes agentes sobre o discurso. Esse sujeito que, ao invés de ser concebido como origem e centro do discurso ou como dominado por outros discursos, seria entendido como mais ou menos condicionado. S. Possenti¹⁸ diz de forma veemente que não existe um sujeito assujeitado na sua totalidade, mas um sujeito condicionado, que age sobre a linguagem, exercendo sua atividade sobre os significantes, no espaço de incompletude da língua, onde o sentido pode sempre ser outro. Esse ponto de vista, porém, não deve alimentar a ilusão de que, por não ser integralmente assujeitado, o sujeito deve ser livre.

Nos pressupostos expostos por S. Possenti, no universo referente ao sujeito do discurso, existem múltiplas estruturas geradoras de discursos diversos – denominadas, pela escola francesa, de análise do discurso –, interdiscurso, que, em graus diferentes, afetam o sujeito, regulando o seu discurso. Porém, essas estruturas detentoras de discursos variados não são estanques, nem tampouco totalmente estruturadas. Elas deixam lacunas entre si, que constituem um espaço de interpretação e de atuação do sujeito no intradiscurso, permitindo que ele não seja um mero efeito do discurso que o precede, um consumidor sem direito de escolha ou um escravo das crenças atravessadoras do seu inconsciente e determinadoras de suas posições. S. Possenti propõe um espaço de atividade e de escolha para o sujeito.

S. Possenti segue uma linha de estudos que desconstrói um conceito absoluto de estrutura e de sujeito assujeitado. Para ele¹⁹, os sujeitos são integralmente históricos e sociais, e integralmente individuais. Dessa forma, evita-se um subjetivismo desenfreado, bem como a identificação do sujeito apenas enquanto uma peça de determinada estrutura. Cada discurso é integralmente ideológico e/ou inconsciente, e integralmente cooperativo e interpessoal. Nesse caso, ele explica que se evita que o sujeito diga aquilo que quer, materializando apenas as suas intenções, assim como se evita, também, a ideia de que o sujeito não tem nenhum poder de manobra e de que o seu interlocutor é irrelevante. O sujeito sabe (integralmente?) o que está dizendo e ilude-se (integralmente ?) se acreditar que sabe o que diz e que só diz o que quer. Não se podem desconhecer os saberes acumulados pelos sujeitos em suas práticas históricas, que fazem parte da sua memória discursiva, ou, como denomina S. Possenti, do pré-construído, que coexiste com o direito de escolha conquistado pelo sujeito.

Retomando o discurso e a posição de *sujeito-autor* de J. H. van Linschoten em *Le Grand routier de mer*, na perspectiva de S. Possenti, pode-se verificar nas informações expostas adiante que, o discurso produzido no retorno à sua terra natal, Enkhuzen, vai ser histórico, social e circunstancial. J. H. van Linschoten passa a ser o detentor de conhecimentos sobre as rotas portuguesas e o mundo lusitano e espanhol na Índia. Vivenciando o quadro histórico, político, econômico e social nos Países Baixos, ele percebe o tesouro que guarda, para, a partir dele, escrever as suas memórias. Quando ele é chamado a ocupar o lugar de fiscal mor dos Estados da Holanda, a sua posição começa a se redefinir. É aceitável dizer que ele é assujeitado à estrutura correspondente ao poder holandês, para a qual o seu discurso é cooperativo, ao traduzir os roteiros portugueses da *Carreira da Índia* e os roteiros da *Carreira do Brasil*, primeiramente para o holandês (1596).

Como *sujeito* do século XVI, ele não escapa da força coercitiva que perpassa o *sujeito-de-direito* e, sobretudo, de deveres e do poder do discurso dominante – nesse caso, o discurso português –, ao qual ele é fiel, inclusive, por ter a

consciência da credibilidade que esse detém, devido aos êxitos obtidos nas viagens exploratórias para as Índias Oriental e Ocidental. Nesse ponto, o comportamento de respeito do *sujeito-autor* às informações desse discurso reforça a força dominante que se institucionaliza como produto da história. Ele sabe que o já existente tem um espaço privilegiado, necessário para respaldar o discurso que está escrevendo, sobretudo, no momento histórico e econômico dos Países Baixos e das explorações marítimas européias.

Porém, se a linguagem desses discursos pode ter um lado coercitivo, ela tem também um espaço de possibilidades onde o sujeito manobra, passando de dominado para a posição de assujeitador. Em *Le grand routier de mer*, o *sujeito-autor* acrescenta, conscientemente, as suas experiências individuais, mostrando aquilo que leu, viu, ouviu e viveu e o que poderia facilitar as explorações marítimas holandesas. O efeito de sentido que busca provocar em seu discurso é, sobretudo, de advertência. Do mesmo modo, ele orienta, torna mais claras certas informações, através de comparações e da riqueza e minúcia do que diz. Como possuidor das informações, ele é quem decide sobre o que dizer e como fazê-lo. Dessa forma, o sujeito dos roteiros franceses integra as posições de *sujeito-de-direito-autor* e *espião*, explorador do texto, visando produzir um efeito específico e circunstancial para que os seus alocutores, isto é, os mareantes, possam entender detalhadamente os roteiros e se convencerem de que aquilo que está sendo narrado facilitará e trará êxito para as suas expedições às Índias.

Esse movimento negociado e conquistado pelo sujeito no discurso dos roteiros, sob os limites da formação discursiva, cria o espaço para o emprego de certos recursos linguístico-discursivos. Esses serão mostrados marcando o espaço particular da voz do sujeito que, no percurso de construção de sentidos, reitera a força da sua atividade no discurso, pois, ao lado do repetível, propõe um jogo com a língua, em harmonia com as suas diversas faces constitutivas.

Será apresentada, do elenco das inúmeras estratégias empregadas pelo *sujeito-autor* para a marcação de sua pre-

sença no discurso, uma amostra de cada estratégia selecionada. A princípio, apresenta-se a marca do *eu* (*Je*) retirada dos roteiros da *Carreira da Índia*, traduzidos do piloto Diogo Afonso referentes ao sujeito J.H. van Linschoten:

Sachez aussi que les courans du costé de Bresil, Cap de S. Augustin, & ceste contree, ont leur tours vers les Antilles qui sont Isles devant la nouvelle Espagne: pourtant *ie* vous conseilleroy pour le mieux de ne point aller de lof car ce faisant il vous faudroit sans doute retourner en Portugal (LINCHOT, 1619, p.4, L. 2-6).²⁰

Aponta-se, também, que o *sujeito-autor* usa o dêitico espacial *ci dessus*, como também *la*, *le* e *les*, precedendo a forma *sur* ou *en* que se contrai com o particípio passado para localizar de forma mais precisa o já dito. Ao analisar os roteiros franceses e compará-los com os textos portugueses, percebe-se que tal estratégia não é empregada pelo sujeito-piloto.

Vous tiendrez *le susdit* cours du Cap das Correntes si vous vous trouvez pres dudit Cap: & si vous avez vent de SudEst vous singlerez le long de l'Isle qui git au dessus des bancs de Soffala, pour parvenir tant plus tost a Moçambique, & avec le vent d'Est à la hauteur & signes *ci dessus mentionnez*. Vous éviterez aussi les bancs de Iudia, & ceux de l'Isle de Saint Laurent qui sont proches de ceux de Iudia. Entre les uns & les autres il y a nonante-cinq brasses de profondeur ²¹.

São verificados, ainda, enunciados explicativos bastante esclarecedores sobre os sinais encontrados ao longo das rotas e que o *sujeito-autor*, na dúvida do conhecimento desses signos pelos seus alocutores, buscou detalhar tudo ao máximo, como também aproximá-los do conhecimento de mundo desses.

Et si estant en ceste hauteur, vous desirez avoir la veue du pays, ne vous tournez point de l'autre costé, mouillez hardiment l'ancre iusques a ce que

le vent se renforce pour poursuivre vostre voyage. Sachez aussi que les courans du costé du Bresil, Cap de Saint Augustin, & ceste contree, ont leur cours vers *les Antilles qui sont Isles devant la nouvelle Espagne*: pourtant ie vous conseilleroy pour le mieux de ne point aller de lof: car ce faisant il vous faudroit sans doute retourner en Portugal²².

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, então, que o discurso dos roteiros em *Le grand routier de mer* é a concretização, através da língua francesa, da possibilidade de diálogo entre acontecimentos e conhecimentos de mundo que ora se conjugam, mas, na maioria das situações, há o avanço do novo sobre o já dito. O discurso dos roteiros reflete a história de sujeitos descobridores de novas terras que tiveram os seus discursos entrelaçados pela atividade de um sujeito que, nas suas diversas posições, regeu e regulou os discursos já existentes, contando com sua própria experiência e dando sentidos outros para aquilo que foi dito de acordo com o efeito que visou a produzir em seus alocutores.

É esperado que os pontos examinados e as reflexões possam trazer contribuições para os estudos acerca do estatuto do sujeito no discurso, dentro da linha da escola francesa de análise do discurso. Pretendeu-se, também, contribuir para a investigação de fatos linguístico-discursivos em textos do século XVI, escritos em francês médio.

THE SUBJECT MARK IN *LE GRAND ROUTIER DE MER*

ABSTRACT — *The 16th century Portuguese itineraries to India and Brazil were translated into French (1610) by J. H. van Linschoten. On the basis of linguistic facts discovered and the relevance that has been given to the subject I in the itineraries, referring to the pilot-author and to the translator, a new point of view may permit a new reading of these personal marks. The subject mark Je (I) is here examined according to the French theoretical*

school of discourse analysis, especially the ideas of S. Possenti. In conclusion, the facts found in the itineraries concerning the subject of Le grand routier de mer confirm that the translator-subject assumes diverse faces, as subject-translator-spy-author.

KEY WORDS: 16th century Portuguese itineraries. Discourse. Subject.

NOTAS

- ¹ LINSCHOT, Jean Hvgves de. Le grand routier de mer. Nouv. trad. De flameng en François. In: Id. **Histoire de la navigation au Indes Orientales; contenant diverses description des lieux iusques à présent découverts par le portugais...** 2. éd. agm. Amsterdam: Chez Evertsz Cloppenburch, 1619. p. 1-40; 133-150).
- ² COSTA, A Fontoura. **A marinharia dos descobrimentos**. 3. ed. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1960. p. 329.
- ³ TELLES, Célia Marques. **Coleção de roteiros portugueses da “Carreira da Índia” no século XVI**; edição do manuscrito FP56 da BNP. Doutorado em Lingüística Histórica – USP, São Paulo, 1988. Orient: Prof^a Dr^a Edith Pimentel Pinto.
- ⁴ BESSA, Rita Maria Ribeiro. **As faces e as marcas do sujeito em Le grand routier de mer**. Doutorado em Linguística Histórica-UFBA, Salvador, 2005. Orient: Prof^a Dr^a Célia Marques Telles. p. 66-70.
- ⁵ POS, Arie; LOUREIRO, Rui Manuel. **Itinerário, viagem ou navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997. p.18-35.
- ⁶ BARASSIN, J. Jean Hugues Linschoten. **Studia**. Lisboa, v.11, p. 252, 1963. p.252.
- ⁷ Id., ibid. Tradução: “Os franceses por sua vez, certos da experiência dos navegadores de Dieppe e de Saint Malo e bem orientados pelas obras holandesas, partirão, também, para as Índias.”
- ⁸ Id., ibid.
- ⁹ LOPES, David. **A Expansão da língua portuguesa no oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII**. 2. ed. Porto: Portucalense, 1969. p.3-4.

- ¹⁰ POS, Arie; LOUREIRO, Rui Manuel. **Itinerário, viagem ou navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997. p. 23-6.
- ¹¹ TELLES, Célia Marques. **Coleção de roteiros portugueses da “Carreira da Índia” no século XVI**; edição do manuscrito FP56 da BNP. Doutorado em Linguística Histórica – USP, São Paulo, 1988. Orient: Prof^a Dr^a Edith Pimentel Pinto.
- ¹² BESSA, Rita Maria Ribeiro. **As faces e as marcas do sujeito em Le grand routier de mer**. Doutorado em Linguística Histórica-UFBA, Salvador, 2005. Orient: Prof^a Dr^a Célia Marques Telles. P. 66-70.
- ¹³ ORLANDI, E. Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4.ed. Campinas: Pontes, 2004. p.68-71.
- ¹⁴ PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi [et al.]. 2ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. p.159-185.
- ¹⁵ Id., *ibid.*
- ¹⁶ Id., *idid.*
- ¹⁷ POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**: ensaios sobre discurso e sujeito. Curitiba: Criar Edições, 2002.
- ¹⁸ Id., *ibid.*, p. 99.
- ¹⁹ POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 87-121.
- ²⁰ O texto de Diogo Afonso traz: Nesta volta do Brasil, as de trabalhar de te pores em altura de 8 graos e dous terços, q(ue) esta o cabo de santo Agustinho. Se for caso q(ue) te aqueçer q(ue) fores ver a terra nesta altura, não te faças noutra volta. Surge aqui cõ a nao, q(ue) os ventos te alargarão a fazeres teu caminho. Mas as de saber q(ue) nesta travessa do Cabo de santo Agustinho pera o Brasil, correm as aguas p(er)a as Antilhas. E, portanto, não cures de fazer volta, porq(ue) se a fizeres sera tornares caminho de Portugal (TELLES, 1988, p. 95. L. 31-3 ; p. 95. L. 1).
- ²¹ O texto de Diogo Afonso traz: “Este caminho do Cabo das Correntes pera diante ha-lo de fazer, se te açhares cõ o Cabo das Correntes com os ventos suestes. as-te de acostar antes à Ilha que ao parçel de Sofala, por ires mais prestes a Moçâbique cõ os

ventos levantes. Pela altura e sinaes das aves q(ue) atrás digo te as de reger. E guarda{s} dos Baixos da Judia: e da Ilha de São L(ou)r(en)ço pera os Baixos da Judia, antre hu) e outro, há de 90 e çem braças (TELLES, 1988, vol I, 110, L. 1-8).

²² O texto de Diogo Afonso traz: “Se for caso q(ue) te aqueçer q(ue) fores ver a terra nesta altura, não te faças noutra vo1lta. Surge aqui cõ a nao, q(ue) os ventos te alargarão a fazeres o teu caminho. Mas as de saber q(ue) nesta travessa do Cabo de Santo Agostinho pera o Brasil, corre) as aguas pera as Antilhas. E, portanto, não cures de fazer vo1lta, porq(ue) se a fizeres será tornares caminho de Portugal” (TELLES, 1988, vol I, p. 95, L. 7-12; p.96, L. 1).

REFERÊNCIAS

BARASSIN, J. Jean Hugues Linschoten. **Studia**, Lisboa, v.11, 1963, p. 252.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. Trad. de Maria da Glória Novak; Maria Luisa Néri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995. v.1

BESSA, Rita Maria Ribeiro. **As faces e as marcas do sujeito em Le grand routier de mer**. 2005. Tese (Doutorado em Linguística Histórica) Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2005.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 2002.

CARVALHO, Joaquim Barradas de. Literatura de viagens. In: SER-RÃO, Joel (Dir.). **Dicionário de história de Portugal**. Porto: Iniciativas Editoriais, 1979. v.6, p.283a

_____. L'Historiographie portugaise contemporaine et la littérature de voyages à l'époque des grandes découvertes. **Ibérica**, Rio de Janeiro, v. 4. dez. 1960.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (maternas e estrangeiras), plurilingüismo e tradução**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

COSTA, A Fontoura. **A marinharia dos descobrimentos**. 3. ed. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1960.

COSTA, A. Fontoura da. **Roteiros portugueses inéditos da Carreira da Índia do século XVI**. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1940.

DAVID, Dionísio. Linschoten, Jan Huygen van. In: ALBUQUERQUE, Luís de (Dir.). **Dicionário de história dos descobrimentos portugueses**. Lisboa: Caminho, 1994. v. 2, p. 597b-598b.

FAUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márci Alves et all. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: ClaraLuz, 2007.

FURLANETTO, Maria Marta, SOUZA, Osmar de (Org.). **Foucault e a autoria**. Florianópolis: Insular, 2006.

GUEDES, Max Justo. A cartografia holandesa no Brasil. In: HERKENHOFF, Paulo (Org.). **O Brasil e os holandeses: 1630-1654**. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999. p. 69-70.

INDURSKY, Freda, CAMPOS, Maria do Carmo (Org.). **Discurso, memória e identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **L'Énonciation**: de la subjectivité dans le langage. 3. éd. Paris: Armand Colin, 1997.

LEITÃO, Humberto. Vocabulário. In: **Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino (1608-1612)**: diários de navegação coligidos por D. António de Ataíde no século XVII. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958. v.3.

LINSCHOT, Jean Hvgves de. Le grand routier de mer. Nouv. trad. De flameng en François. In: **Histoire de la navigation au Indes Orientales; contenant diverses description des lieux iusques à présent decouverts par le portugais...** 2. éd. agm. Amsterdam: Chez Evertsz Cloppenburch, 1619.

LINSCOTANI, Johannis Hvgonis. **Navigatio ac itinerarivm...** Hagae Comitit: Ex officina Alberti Henrici, 1599.

LOPES, David. **A Expansão da língua portuguesa no oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII**. 2. ed. Porto: Portucalense, 1969.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997. p. 41-43.

_____. **Termos-chave da análise do discurso**. Trad. Márcio Venício Barbosa; Maria Emílnia Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: EDUEMG, 2000.

_____. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírío Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**: (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso**: história e práticas. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2007.

MOTA, Abel Teixeira da. Evolução dos roteiros portugueses do século XVI, In: **Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga. XXXIII**. Coimbra: Junta das Investigações do Ultramar, 1969. p.30-31

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004. p.68 -71.

_____. Introdução às Ciências da linguagem. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy, ORLANDI, Eni P. (Orgs.). **Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Discurso e Texto. In: **Formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

_____. A linguagem e o seu funcionamento. In: **As formas do discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006. p.177-191.

_____. Introdução às ciências da linguagem. In: LAGAZZI-RODRIGUES Suzy; ORLANDI, Eni P. Campinas: Pontes, 2006. p. 82-103.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 79-87.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et all. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PINTO, José Rocha. Literatura de viagens. In: ALBUQUERQUE, Luís de (Dir.). **Dicionário de história dos descobrimentos portugueses**. Lisboa: Caminho, 1994. 2v.

PORTOLÉS, José. **Marcadores do discurso**. Barcelona: Ariel, 1998.

POS, Arie; LOUREIRO, Rui Manuel. **Itinerário, viagem ou navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**: ensaios sobre discurso e sujeito. Curitiba: Criar Edições, 2002.

_____. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

POST, H. Howens. João Huyghen van Linschoten, administrador da casa do Arcebispo de Goa e espião da Holanda (1538-1587). **Ocidente**, Lisboa, v. 58, n. 264, p.126, 1960.

RAMOS, Fábio P. **No tempo das especiarias**: o império da pimenta e do açúcar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

REIMÃO, Gaspar Ferreira. **Roteiro da navegação e carreira da Índia, com seus caminhos, & derrotas, sinais & aguageis & diferenças da agulha: tirado do que escreveu Vicente Rodrigues & Diogo Afonso, pilotos antigos; agora novamente acrescentado a viagem de Goa por dentro de São Lourenço, & Moçambique, & outras muitas cousas, & advertências**. 2. ed. Lisboa, Agência Geral das Colônias/Divisão de Publicações e Biblioteca, 1940.

TELLES, Célia Marques. **Coleção de roteiros portugueses da “Carreira da Índia” no século XVI**: edição do manuscrito FP56 da BNP. 1988. Tese (Doutorado em Lingüística Histórica) USP, São Paulo, 1988.

TELLES, Célia Marques. Considerações sobre uma tradução francesa de textos quinhentistas portugueses: O “Le Grand routier de mer” de J. H. van Linschoten. In: ENCONTRO NACIONAL DE TRA-

DUTORES, 5; 1996, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Humanitas, 1996. p. 55-6.

TELLES, Célia Marques. O Discurso na literatura de viagens. In: TERRAS & GENTES; Congresso da ABRALIC, 7. 2004, Salvador. **Anais** ... Salvador: ABRALIC, 2004. p. 5-6.

TELLES, Célia Marques. A Relação autor-destinatário no discurso dos roteiros de navegação. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 1997, João Pessoa. **Anais** ... João Pessoa: Idéia, 1997. v. 2. p. 377-385.

Recebido em: 25/08/2010

Aprovado em: 30/08/2010